A periferia do capitalismo na periferia da cidade de São Paulo: desigualdade e a precariedade para o "bem-estar social"

La periferia del capitalismo en la periferia de la ciudad de São Paulo: desigualdad y precariedad para el "bienestar social"

The periphery of capitalism in the periphery of the city of São Paulo: Inequality and precariousness for "social well-being"

Guilherme Schmidt Hayama[1]
Mestre, PPG em Direito, Universidade Santa Cecília, Santos-SP, Brasil

Felipe da Silva Corralo Chagas[2]
Mestrando, PPG em Direito, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil

Romulo Paulino Maia[3]
Mestre, PPG em Direito, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, Brasil

Ricardo Maurício Freire Soares[4]
Doutor, PPG em Direito, Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil

RESUMO: Contextualização: O presente trabalho visa trazer à tona problemáticas que são aprofundadas nas periferias das periferias do capitalismo, mais especificamente na cidade de São Paulo. **Problema:** A dinâmica periferia e centro do capitalismo abarca desigualdades abissais entre condições dos países que pertencem à cada um desses blocos, porém dentro da periferia capitalista existem desigualdades tão problemáticas quanto a macro da relação periferia-centro do capitalismo. É necessário entender e analisar, com base em dados empíricos da realidade periférica, a realidade e a gravidade na relação periferia-centro também na periferia do capitalismo. Entender a realidade brasileira em meio a desigualdade social e a influência que isso tem na cidade de São Paulo e suas especificidades, tendo a clareza que em um artigo é impossível esgotar a temática, é um dos objetivos desde artigo. **Objetivos:** A desigualdade e o abismos entre periferia e centro na cidade vão muito além da distância entre um ponto e outro, mas as relações econômicas e sociais também merecem atenção para poder identificar as debilidades na relação que cerceia a potencialidade de um povo. Entender a relação estrutural se faz fundamental para ter a clareza que é impossível bolar soluções individuais para a periferia de uma única cidade, mas ponderar que se é possível amenizar disparidades que não fazem sentido político, econômico ou social. **Metodos:** utilizando-se como método de pesquisa a técnica analítica e descritiva, sendo realizada revisão narrativa de literatura e análise bibliográfica. **Resultados:** Os indicadores de pesquisa utilizados no artigo demonstraram que a desigualdade no município de São Paulo impacta diretamente no índice de mortalidade, no qual a média

[1] Mestre em Direito da Saúde pela Universidade Santa Cecília (UNISANTA). Professor e tutor da Escola Ead de Pós Graduação em Direito da UNISANTA. CV: http://lattes.cnpq.br/4819707649648089. E-mail: guilherme.hayama@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0003-4434-3673

[2] Mestrando em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Advogado. CV: http://lattes.cnpq.br/4931839652220011 . E-mail: felipecorralo@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0007-4584-1531

[3] Doutorando em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Mestre em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Especialista em Direito Eleitoral pela PUC e Bacharel em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. CV: http://lattes.cnpq.br/1701642201874678. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1702-3095

[4] Pós-Doutor em Direito pela Università degli Studi di Roma La Sapienza, Università degli Studi di Roma Tor Vergata e Università del Salento. Doutor em Direito pela Università del Salento/Universidade de São Paulo. Doutor em Direito Público e Mestre em Direito Privado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). CV: http://lattes.cnpq.br/7597880442041621. E-mail: rmsf@ufba.br ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0806-8603

etária de quem vive em regiões periféricas é 23 anos menor da média de regiões da classe média da cidade. **Conclusão:** as desigualdades na periferia da periferia do capitalismo são limitadores que atuam no desenvolvimento das periferias, sendo um dos fatores que acarreta a perpetuação das mazelas políticas, econômicas e sociais que afetam diretamente a vida da população paulistana.

Palavras-chave: Políticas públicas. Sociedade. Favelas. Racismo. Subemprego.

RESUMEN: Contextualización: *El presente trabajo tiene como objetivo poner de relieve los problemas que se agravan en las periferias de las periferias del capitalismo, más concretamente en la ciudad de São Paulo.* ***Problema:*** *La dinámica entre la periferia y el centro del capitalismo abarca desigualdades abismales entre las condiciones de los países que pertenecen a cada uno de estos bloques, pero dentro de la periferia capitalista existen desigualdades tan problemáticas como la macro de la relación periferia-centro del capitalismo. Es necesario comprender y analizar, basándose en datos empíricos de la realidad periférica, la realidad y la gravedad de la relación periferia-centro también en la periferia del capitalismo. Comprender la realidad brasileña en medio de la desigualdad social y la influencia que esto tiene en la ciudad de São Paulo y sus especificidades, teniendo claro que en un artículo es imposible agotar el tema, es uno de los objetivos de este artículo.* ***Objetivos:*** *La desigualdad y el abismo entre la periferia y el centro de la ciudad van mucho más allá de la distancia entre un punto y otro, pero las relaciones económicas y sociales también merecen atención para poder identificar las debilidades en la relación que limita el potencial de un pueblo. Comprender la relación estructural es fundamental para tener claro que es imposible idear soluciones individuales para la periferia de una sola ciudad, pero hay que considerar si es posible mitigar las disparidades que no tienen sentido político, económico o social.* ***Métodos:*** *utilizando como método de investigación la técnica analítica y descriptiva, se realizó una revisión narrativa de la literatura y un análisis bibliográfico. Resultados: Los indicadores de investigación utilizados en el artículo demostraron que la desigualdad en el municipio de São Paulo tiene un impacto directo en la tasa de mortalidad, en la que la edad media de quienes viven en las regiones periféricas es 23 años menor que la media de las regiones de clase media de la ciudad.* ***Conclusión:*** *las desigualdades en la periferia del capitalismo son limitantes que afectan al desarrollo de las periferias, siendo uno de los factores que perpetúan los males políticos, económicos y sociales que afectan directamente a la vida de la población de São Paulo.*

Palabras clave: *Políticas públicas. Sociedad. Favelas. Racismo. Subempleo.*

ABSTRACT: *Context: This paper aims to highlight issues that are exacerbated in the peripheries of capitalism, more specifically in the city of São Paulo.* ***Problem:*** *The dynamics of the periphery and center of capitalism encompass abysmal inequalities between the conditions of the countries belonging to each of these blocs, but within the capitalist periphery there are inequalities that are as problematic as the macro periphery-center relationship of capitalism. It is necessary to understand and analyze, based on empirical data from the peripheral reality, the reality and severity of the periphery-center relationship also in the periphery of capitalism. Understanding the Brazilian reality amid social inequality and the influence this has on the city of São Paulo and its specificities, while recognizing that it is impossible to exhaust the subject in a single article, is one of the objectives of this article.* ***Objectives:*** *The inequality and chasms between the periphery and the center of the city go far beyond the distance between one point and another, but economic and social relations also deserve attention in order to identify the weaknesses in the relationship that curtails the potential of a people. Understanding the structural relationship is essential to clarify that it is impossible to devise individual solutions for the periphery of a single city, but to consider whether it is possible to mitigate disparities that make no political, economic, or social sense.* ***Methods:*** *Using analytical and descriptive research methods, a narrative review of the literature and bibliographic analysis were conducted.* ***Results:*** *The research indicators used in the article showed that inequality in the municipality of São Paulo directly impacts the mortality rate, with the average age of those living in peripheral regions being 23 years lower than the average for middle-class regions of the city.* ***Conclusion:*** *Inequalities on the periphery of capitalism are limiting factors that hinder the development of peripheral areas, and are one of the factors that perpetuate the political, economic, and social ills that directly affect the lives of the population of São Paulo.*

Keywords: *Public policies. Society. Slums. Racism. Underemployment.*

Introdução

O processo de consolidação do capitalismo como sistema político e econômico hegemônico no mundo também consolidou as contradições deste modelo. Estudar o capitalismo e prover críticas ao modelo não transforma em anticapitalista quem o faz, mas ajuda a escancarar as inúmeras limitações de um sistema que superou inúmeras crises através de sua história.

As crises do capitalismo afetam de forma diferente países considerados do centro e da periferia do capitalismo, e entender tais crises e limitações do sistema se faz fundamental para uma análise do capitalismo.

Para além das crises do sistema capitalista, a realidade fora de momentos considerados de crise não significa uma plenitude do sistema nos países do centro do capitalismo, suas contradições e limitações independem dos momentos de crise.

Nos países da periferia do capitalismo, a realidade de construção e consolidação do sistema capitalista enfrenta inúmeras dificuldades, as crises do sistema capitalista são mais duras e mais duradouras, mas as contradições fora dos momentos de crise são também mais aparentes devido ao contexto geopolítico que os colocam na posição de países da periferia do capitalismo.

Porém, dentro da periferia do capitalismo existe também as periferias que agonizam em diversas mazelas políticas, econômicas e sociais que são conhecidas e mapeadas por diversas pesquisas e vividas por milhões de pessoas. A gravidade e as contradições do sistema capitalista nas periferias das periferias do capitalismo são ainda mais duras e aparentes.

O problema decorre de que a dinâmica da periferia e centro do capitalismo abarca desigualdades abissais entre condições dos países que pertencem à cada um desses blocos, porém dentro da periferia capitalista existem desigualdades tão problemáticas quanto a macro da relação periferia-centro do capitalismo. É necessário entender e analisar, com base em dados empíricos da realidade periférica, a realidade e a gravidade na relação periferia-centro também na periferia do capitalismo. Entender a realidade brasileira em meio a desigualdade social e a influência que isso tem na cidade de São Paulo.

Entender a relação estrutural se faz fundamental para ter a clareza que é impossível bolar soluções individuais para a periferia de uma única cidade, com esse panorama, objetivou-se ponderar se é possível amenizar disparidades que não fazem sentido político, econômico ou social, com a provocação do bem-estar face às desigualdades da Cidade paradigma.

Foi utilizado no presente artigo o método de pesquisa técnica analítica e descritiva, sendo realizada revisão narrativa de literatura e análise bibliográfica.

A periferia na periferia do capitalismo

A dinâmica do sistema capitalista impôs uma realidade dura para os países que não pertencem ao centro do capitalismo ou que não são capazes de pertencer ao grupo dos imperialistas. Na dinâmica política e econômica mundial temos os países que são capazes de influenciar política e economicamente e os que são influenciados, por óbvio não é uma dicotomia tão objetiva quanto a expressada aqui, temos relações locais, como

a influência que o Brasil tem na América Latina, mas o Brasil não deixa de ser um país da periferia do capitalismo por isso, por exemplo.

O conceito de periferia do capitalismo, descrito por Prebisch[5], elucida que, embora esteja inserida no sistema econômico mundial, a periferia do capitalismo não é a principal beneficiária do progresso técnico, tendo em vista que a periferia tende a transferir parte do próprio fruto do progresso técnico aos centros industrializados[6].

Afirma o autor que, enquanto a renda dos empresários e dos fatores produtivos nos centros industriais cresceu mais do que o aumento da produtividade, na periferia aconteceu o contrário. Isso ilustra como os países periféricos transferiram para os centros uma parte do fruto do seu próprio progresso técnico[7].

Evidencia-se, que a renda média por trabalhador aumentou mais intensamente nos centros industrializados do que nos países produtores da periferia, evidenciando uma disparidade na distribuição dos benefícios do progresso técnico[8].

A diferenciação sobre a dicotomia econômica entre periferia e centro do capitalismo se faz necessária para que seja viável uma alocação de países e para que se entenda as similitudes do sistema entre países que passaram por processos de formação política, econômica e social que se aproximaram ou afastaram a depender destes processos.

Ainda, segundo o autor, os grandes centros industriais não só preservam para si o fruto da aplicação das inovações técnicas a sua própria economia, mas também ficam numa posição favorável para captar uma parte do fruto que surge no progresso técnico da periferia. Isso reforça a ideia de que a periferia é dependente dos centros, não apenas em termos de desenvolvimento técnico, mas também na capacidade de reter e aproveitar os benefícios desse desenvolvimento[9].

Bielschowsky ao analisar a obra Formação Econômica do Brasil, de Celso Furtado, destaca como a dependência econômica, a dificuldade de estabelecer uma indústria autossustentável e as restrições impostas pelas estruturas econômicas globais impactaram o desenvolvimento industrial do Brasil, mostrando como as políticas econômicas coloniais e pós-coloniais e a integração do país no mercado global moldaram sua trajetória de industrialização, frequentemente caracterizada por dependência e limitada diversificação industrial[10].

Logo, se infere que a relação de dependência entre periferia e centro do capitalismo contemporâneo tem uma relação direta com o desenvolvimento do capitalismo nos centros e nas periferias e um processo de industrialização totalmente desigual entre periferia e centro.

---

[5] PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. Em: Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 69-136, 2000.
[6] PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. Em: Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 82, 2000.
[7]PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. Em: Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 82, 2000.
[8]PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. Em: Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 82, 2000.
[9] PREBISCH, Raúl. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais. Em: Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 82 - 83, 2000.
[10] BIELSCHOWSKY, Ricardo. Formação econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo cepalino. Brazilian Journal of Political Economy, v. 9, n. 4, 1989.

A dificuldade de industrialização em países periféricos impõe também uma relação direta com a vida do povo deste país do capitalismo periférico, com a ausência de uma industrialização capaz de suprir as necessidades básicas de um país há um reflexo direto nos postos de trabalho, condições de remuneração e no padrão de vida das massas.

Os reflexos da realidade de um país da periferia do capitalismo não atingem de forma igual o povo de um país de capitalismo periférico, ainda mais no Brasil, que, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), figura entre os 5 países mais desiguais do mundo país mais desigual do mundo, segundo ranking da ONU sobre desigualdade social[11].

As mazelas de ser um país de periferia do capitalismo e conviver com todo o ônus desta realidade se mostra mais dura aos que vivem com os menores salários, quando se é possível ter salário e emprego; aos que moram mais distantes dos centros das cidades, quando é possível ter moradia.

Na cidade de São Paulo, 27ª melhor cidade do mundo, de acordo com o ranking 'The World's Best Cities' para 2024[12], a desigualdade social é alarmante, preocupante e revela uma realidade contraditória do capitalismo em que é possível ter relevantes centros políticos e econômicos em países que pertencem à periferia do capitalismo, mas sem que deixem de ser da periferia, ou seja, mantendo sua dependência dos países do centro e ao custo de manter uma desigualdade abissal, mantendo uma alta concentração de renda que não se traduz em desenvolvimento econômico.

Enquanto o crescimento econômico se refere simplesmente ao aumento da renda per capita e uma medida quantitativa do desempenho econômico, o desenvolvimento econômico é entendido como um processo mais abrangente e qualitativo, envolvendo mudanças estruturais na economia de uma nação, melhorias na qualidade de vida dos cidadãos, avanços tecnológicos, e redução da desigualdade social. Portanto, enquanto o crescimento econômico foca na expansão da capacidade econômica, o desenvolvimento econômico incorpora também aspectos sociais e tecnológicos, refletindo uma transformação mais profunda e abrangente na sociedade[13].

Ainda, sobre desenvolvimento econômico, tal como conceituou Amartya, deve ser enxergado como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam[14].

Mesmo sendo uma cidade relevante para o capitalismo, a cidade de São Paulo não deixa de ser dependente e da periferia do capitalismo, não deixa pertencer à um país subdesenvolvido e muito menos deixa de pertencer a um dos países mais desiguais do mundo, que afeta diretamente a relação com o povo que vive na cidade de São Paulo.

Dentro da cidade de São Paulo há um apartheid notado e apontado rotineiramente através de dados empíricos. São Paulo não se dissocia da periferia do capitalismo, mas de forma muito direta dissocia cidadãos de diferentes formas, sendo reflexo de um sistema que condiciona vidas coletivamente e condiciona as formas sociais para o apartheid.

[11] O ranking e todos os dados estão disponíveis no site oficial das Nações Unidas.
[12] Relatório das melhores cidades.
[13] BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico. Lua Nova, São Paulo, 93: 33-60, 2014
[14] SEN, Amartya. Desenvolvimento como liberdade. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das letras, p. 55. 2010.

A desigualdade em dados

Na cidade de São Paulo o abismo político, econômico e social nas periferias desta cidade localizada na periferia do capitalismo é algo notoriamente sabido, pois são apresentados rotineiramente pesquisas e dados empíricos capazes de demonstrar de forma clara e concreta os níveis e setores da desigualdade.

Anualmente desde 2013 temos disponibilizado o "Mapa da Desigualdade", desenvolvido pela Rede Nossa São Paulo. O "Mapa da Desigualdade" é a pesquisa das desigualdades no Município de São Paulo e que pode servir como um diagnóstico da triste realidade com uma desigualdade em patamares extremos, onde é perceptível um alto nível de concentração para uma pequena parcela da sociedade de renda e um alto nível de pobreza para as massas populares[15].

A ocupação populacional e distribuição geográfica das famílias, por exemplo, é extremamente desigual, possuindo as periferias uma densidade demográfica imensamente maior do que os outros distritos da cidade de São Paulo[16].

Quando comparamos os moradores pretos e pardos por distrito, por exemplo, percebemos uma enorme disparidade. A medida de pessoas pretas e pardas que moram na periferia é 10 vezes maior do que a média da cidade incluindo todos os distritos[17].

A desigualdade é intrínseca na cidade paulistana e isso é visível em todos os indicadores da pesquisa. Um dos resultados mais atrozes indubitavelmente é a idade média ao morrer, sendo quem mora no distrito do Itaim Bibi ou Jardim Paulista a média é de 82 anos, já no Anhanguera a média é de 59 anos, ou seja, uma diferença média de 23 anos. Apesar de causar espanto, este dado é resultado da ausência de equipamentos públicos para atender as demandas da população nas periferias, da ausência de planejamento e infraestrutura nas regiões periféricas. Os 4 distritos com a maior idade média ao morrer estão no centro e os 4 distritos com a menor idade média ao morrer estão na periferia[18].

Outro indicador que é reflexo direto do histórico do capitalismo na cidade de São Paulo é a proporção de favelas por domicílios em cada distrito. Os dados obtidos por esse indicador se complementam com outros para ser possível também fazer um resgate histórico do processo de formação da cidade de São Paulo, um processo segregador e com a presença inquestionável do racismo e aporofobia[19].

Dos distritos com o maior número de favelas temos Vila Andrade, Brasilândia, Sacomã, Vila Sônia, Campo Limpo, Capão Redondo, Cachoerinha e Rio Pequeno, todos nas periferias da cidade. Já os com menores números de favelas temos Perdizes, Jardim Paulista, Moema, Bela Vista, República, Consolação, Cambuci, Alto de Pinheiros, Bom Retiro e Sé, todos centrais e sem a presença de favelas[20].

Após séculos de escravidão e de colonialismo, o abolicionismo de tais sistemas não trouxeram políticas de reparação, o que acabou por deixar a população negra à

[15] Mapa da desigualdade 2022.
[16] Mapa da desigualdade 2022,
[17] Mapa da desigualdade 2022.
[18] Mapa da desigualdade 2022.
[19] Mapa da desigualdade 2022.
[20] Mapa da desigualdade 2022.

margem da nova sociedade que surgia, e que até os dias atuais reflete em sua vulnerabilidade.[21]

A existência de favelas e ocupações urbanas na cidade de São Paulo não deixam de ser um reflexo de uma política social e econômica que desordenada e não planejada para garantir o Direito à Cidade, segrega, causa desgaste e sofrimento mental e material na vida do povo das periferias.

A desigualdade em fatos – ausência de postos de trabalho na periferia, subemprego, racismo e divisão racial do trabalho

Dentre os notórios e problemáticos dados expostos pelo Mapa da Desigualdade estão a Remuneração média do emprego formal que varia mais de R$6.300,00 (seis mil e trezentos reais), São Domingos é o distrito com maior média, com R$8.515,29 (oito mil, quinhentos e quinze reais e vinte e nove centavos), já o distrito com a menor média é Artur Alvim com R$2.200,70 (dois mil, duzentos reais e setenta centavos), ou seja, uma média com uma diferença de 3,86 vezes maior entre a remuneração média do emprego formal entre dois distritos da mesma cidade[22].

Outro ponto vinculado ao trabalho que necessita bastante atenção é a oferta de emprego formal. A dinâmica da cidade concentra os melhores trabalhos no centro e não na periferia, e por melhores defino não só em relação a remuneração, mas respeito a direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho ao trabalhador.

Entretanto, a questão do trabalho e o nível da desigualdade nesta temática na cidade não está na definição qualitativa das vagas de trabalho, mas sim na definição da existência, ou seja, não conseguimos avançar em relação a qualidade do emprego, mas estamos ainda debatendo onde ele está, ele está no centro e não na periferia[23].

A taxa de oferta de emprego formal, por dez habitantes participantes da população em idade ativa é mais um dos dados estratosféricos da desigualdade na cidade de São Paulo, enquanto na Barra Funda a taxa está em 70,06, na Cidade Tiradentes a taxa é de 0,3, ou seja, a realidade empregatícia é mais forte e presente no centro, enquanto na periferia eles simplesmente não existem[24].

É necessário colocar com atenção esse tema, pois não é que os trabalhos na periferia não existem, eles existem porque há demanda, mas não são necessariamente um vínculo de emprego formal e nesta inviabilidade de emprego formal é que existe a precarização do trabalho. Tendo em vista essa realidade é importante que haja o incentivo nas periferias para postos de empregos formais para o combate do subemprego, da sub remuneração e da condição de subalternidade de trabalhos na periferia em relação ao centro.

Não basta simplesmente transferir a empresa ou os empregos de um lugar para o outro, é necessário que haja diálogo e cooperação, mas entendendo que a simples realocação em uma cidade de eventuais postos de emprego não altera a condição da

[21] SOARES, Ricardo Maurício Freite; TOURINHO, Luciano de Oliveira Souza; SOTERO, Ana Paula da Silva; MAIA, João Marcelo Sousa. A necrojurisdição brasileira e a ausência de justiça social à população negra. Cuadernos de Educación y Desarrollo. 2023.
[22] Mapa da desigualdade 2022.
[23] Mapa da desigualdade 2022.
[24] Mapa da desigualdade 2022.

cidade dentro de uma cidade da periferia do capitalismo, essa é uma condição estrutural que envolve um debate também nacional acerca do desenvolvimento político, econômico e social também nas cidades para buscar o melhor desenvolvimento para o país.

Dentro das searas das desigualdades existem dados que são curiosos, mas que permitem a apresentação de hipóteses que ajudam a interpretar estes resultados.

Como visto e exposto mais acima, a presença de pretos e pardos em favelas e periferia é bem maior do que no centro. Tendo em vista que a oferta de melhores empregos, menos precarizados, não se dá na periferia, os moradores da periferia (em grande parte pretos ou pardos) são colocados a parte no mercado de trabalho formal brasileiro, evidenciando e perpetuando uma estrutura de emprego e de economia visivelmente racista, conforme veremos da simples análise dos dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A nível nacional, as estatísticas brasileiras mostram uma clara diferença nas rendas de pessoas brancas e negras, tanto em trabalhos formais quanto informais. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2018[25], conduzida pelo IBGE, revela que a renda média das pessoas brancas em empregos formais é de R$ 3.282, enquanto para pessoas negras ou pardas é de R$ 2.082,00 No setor informal, a renda média para brancos é de R$ 1.814,00, mas para negros e pardos cai para R$ 1.050,60.

Além disso, a pesquisa destaca outra desigualdade socioeconômica significativa: uma maior proporção de negros e pardos trabalhando no setor informal em todas as regiões do Brasil, em comparação aos brancos.

Ao avaliar a renda média por nível educacional, a mesma pesquisa indica que a diferença salarial entre negros e brancos persiste, mesmo entre aqueles com níveis similares de educação. Os salários de trabalhadores negros permanecem consistentemente mais baixos do que os de trabalhadores brancos com a mesma qualificação educacional.

Os resultados do IBGE também mostram que a maioria dos cargos de liderança é ocupada por brancos (68,6%), enquanto apenas 29,9% desses cargos são ocupados por negros. Ao analisar as estatísticas de emprego e a composição racial da população brasileira, onde 54% se identificam como negros ou pardos, nota-se uma grande desigualdade na distribuição de renda do mercado de trabalho, observada sob a ótica racial.

Sobre as pesquisas de desigualdade racial, um estudo recente do Núcleo de Estudos Raciais do Insper, chamado "Números da Discriminação Racial"[26], detalha mais a fundo as disparidades raciais no mercado de trabalho brasileiro. Esta pesquisa evidencia que, historicamente, a população negra sempre teve uma renda menor que a branca e, apesar de algumas melhorias, a disparidade de renda continua significativa. A pesquisa também aponta que a inserção da população negra no mercado de trabalho é pior em comparação com a população branca[27].

Lélia Gonzalez, há muito já constatava a existência de uma espécie de divisão racial do trabalho no Brasil, decorrente de uma exploração desigual da mão de obra da

[25] IBGE, Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica n.41.
[26] FRANÇA, Michael; PORTELLA, Alysson (org.). Números da discriminação racial: Desenvolvimento humano, equidade e políticas públicas. 1ª. ed. São Paulo: Jandaíra, 2023.
[27] FRANÇA, Michael; PORTELLA, Alysson (org.). Números da discriminação racial: Desenvolvimento humano, equidade e políticas públicas. 1ª. ed. São Paulo: Jandaíra, p. 189. 2023.

população negra, resultando em uma distribuição das recompensas materiais e simbólicas sempre muito desproporcionais e desfavoráveis à população negra[28]

Nota-se, portanto, a existência de enorme disparidade de vagas de emprego e empregos formais que estão disponíveis ao chamado centro econômico das cidades e as periferias. Por qualquer ângulo que se analise, tal problema tem um impacto desproporcional em relação à população preta e parda.

Deslocamentos e precariedade para o transporte na periferia

De acordo com a pesquisa Viver em SP: Mobilidade Urbana, que a Rede Nossa São Paulo e o Instituto Cidades Sustentáveis desenvolveram[29], o tempo médio que o paulistano gasta com transporte público na cidade de São Paulo ultrapassa as duas horas por dia. Essa seria uma média do município como um todo, porém essas médias do município acabam por mascarar a realidade.

Em que pese a média diária ser de duas horas, de acordo com o Mapa da Desigualdade[30], temos dados um pouco mais segmentados onde é possível ver novamente a exorbitante desigualdade também em relação ao tempo de deslocamento no transporte público.

Em um recorte específico em relação ao tempo médio em deslocamento em transporte público no horário de pico pela manhã por distrito, o tempo médio de deslocamento de um cidadão em Pinheiros é de 25 minutos, já em Marsilac é de 73 minutos, ou seja, quase o triplo[31].

Os períodos perdidos em deslocamento ajudam a esgotar ainda mais os cidadãos das periferias, um esgotamento físico e mental que influencia em sua capacidade laborativa e em sua vida pessoal.

O problema da mobilidade urbana em São Paulo é um problema de planejamento territorial, um problema de incapacidade de investimento em infraestrutura em transporte e uma dificuldade de descentralização das estruturas de trabalho para as periferias que faz com que o tempo dos moradores da periferia sejam despejados e inutilizados na deficitária infraestrutura de transportes da cidade.

Enquanto cidades globais contam com uma estrutura de transporte sobre trilhos espraiada e que permite um deslocamento mais rápido e mais eficiente, inclusive energeticamente, São Paulo conta com uma limitada rede de trens e metros que não suporta a sua necessidade de transporte**.**

Segundo a companhia do Metropolitano de São Paulo, na cidade de São Paulo temos 91 estações de metrô[32]. No centro estão bem próximas umas das outras, inclusive as diferentes linhas de metrô, porém quanto mais distante do centro, mais distante do transporte de trilho o cidadão estará. Isso implica em uma dificuldade de interação

[28] GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: Uma nova perspectiva sociológica. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, p.46. 2020.
[29] Viver em SP - Mobilidade Urbana.
[30] Mapa da desigualdade 2022.
[31] Mapa da desigualdade 2022.
[32] Informação disponível no próprio site institucional da companhia metropolitano de São Paulo.

intermodais, que como efeito cascata afeta diretamente a população periférica de São Paulo.

Há um ditado popular que diz que tempo é dinheiro, e no capitalismo periférico da cidade de São Paulo é fácil de notar que o tempo de quem habita nas áreas periféricas, vale menos.

Conclusão

As desigualdades na periferia da periferia do capitalismo são importantes limitadores do desenvolvimento para as periferias, o entrave para o desenvolvimento significa a perpetuação das mazelas políticas, econômicas e sociais que afetam diretamente a vida do povo paulistano.

O abismo de desigualdade mantido em patamares estratosféricos como continuação dos processos exploratórios que segregaram grupos sociais por séculos significa a continuação do processo exploratório e segregador dos mesmos grupos sociais.

As constantes contribuições acadêmicas demonstram que a desigualdade na cidade de São Paulo segue sendo grave e que os resultados apontados por pesquisas em diferentes seguimentos da desigualdade reforçam tal gravidade.

Apesar de anos de acompanhamento detalhado, é visível a responsabilidade por imobilismo do poder público, somado com a dificuldade de efetivação de políticas que ajudem a amenizar a desigualdade e seus reflexos.

Denota-se do estudo da matéria a complexidade da periferia dentro do sistema capitalista, destacando a disparidade entre os centros industrializados e as regiões periféricas, com um olhar particular sobre a cidade de São Paulo.

O estudo das dinâmicas de poder e dependência entre centros e periferias do capitalismo, ilustrado por Prebisch, mostra que a transferência de benefícios do progresso técnico dos países periféricos para os centros industrializados perpetua uma relação desigual. Essa dinâmica tem consequências diretas na qualidade de vida das populações periféricas, evidenciando a necessidade de um foco renovado no desenvolvimento econômico que vai além do crescimento do PIB e inclui a melhoria das condições de vida e a expansão das liberdades.

A situação em São Paulo serve como um microcosmo da realidade mais ampla. A cidade, embora seja um centro econômico significativo, ainda enfrenta problemas estruturais de desigualdade, segregação racial e econômica, e infraestrutura deficiente. As disparidades observadas em termos de acesso a empregos formais, remuneração, habitação, e tempo de deslocamento destacam uma clara divisão entre o centro e a periferia. Isso sublinha a urgência de políticas públicas inclusivas e eficazes que abordem essas questões de maneira holística.

O "Mapa da Desigualdade" da Rede Nossa São Paulo fornece dados empíricos valiosos que ilustram a severidade da desigualdade na cidade. O abismo socioeconômico e racial é um indicativo claro de que, apesar de avanços em algumas áreas, ainda há um longo caminho a percorrer para alcançar a equidade. A diferenciação salarial com base na raça, o subemprego, e a precarização das condições de trabalho nas periferias reforçam a necessidade de uma abordagem multidimensional para lidar com a desigualdade.

Em suma, é imperativo que os responsáveis pela formulação de políticas e a sociedade em geral reconheçam e abordem as complexidades inerentes à periferia do capitalismo. Isso envolve não apenas a alocação de recursos e o desenvolvimento de infraestrutura, mas também a promoção de um crescimento econômico inclusivo e equitativo que valorize todas as camadas da sociedade. A busca por soluções deve ser guiada por um compromisso com a justiça social, a dignidade humana, e a igualdade de oportunidades para todos, independentemente de sua posição na hierarquia global do capitalismo.

O caminho para a superação das desigualdades e debilidades oriundas da condição de periferia do capitalismo e das limitações impostas às periferias dentro das periferias do capitalismo são inúmeras, mas é fundamental que haja o fomento ao desenvolvimento econômico e o enfrentamento das desigualdades de forma séria e programada, sem que esses esforços fundamentais não há como imaginar soluções reais para as mazelas para a periferia da cidade de São Paulo.

Referências

BIELSCHOWSKY, Ricardo. Formação econômica do Brasil: uma obra-prima do estruturalismo cepalino. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 9, n. 4, 1989.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. **Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico**. Lua Nova, São Paulo, 93: p. 33-60, 2014.

FRANÇA, Michael; PORTELLA, Alysson (org.). **Números da discriminação racial:** Desenvolvimento humano, equidade e políticas públicas. São Paulo: Jandaíra, 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano:** uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE, Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica n.41. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf Acesso em 03/12/2025.

PREBISCH, Raúl. **O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais.** Em: Cinqüenta anos de pensamento na CEPAL-Rio de Janeiro: Record/CEPAL, 2000-v. 1, p. 69-136, 2000.

REDE NOSSA SÃO PAULO, Mapa da desigualdade 2022. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade 2022_Tabelas.pdf. Acesso em 13/12/2023.

REDE NOSSA SÃO PAULO, Pesquisa Viver em SP - Mobilidade Urbana. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/09/ViverEmSP-Mobilidade-2021-apresentacao.pdf. Acesso em 01/12/2025.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** 1ª. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SOARES, Ricardo Maurício Freite; TOURINHO, Luciano de Oliveira Souza; SOTERO, Ana Paula da Silva; MAIA, João Marcelo Sousa. A necrojurisdição brasileira

e a ausência de justiça social à população negra. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, Portugal, v.15, n.11, p.14682-14700, 2023. Acesso em 01/12/2025.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2018 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

HAYAMA, Guilherme Schmidt; CHAGAS, Felipe da Silva Corralo; MAIA, Romulo Paulino; SOARES, Ricardo Maurício Freire. A periferia do capitalismo na periferia da cidade de São Paulo: desigualdade e a precariedade para o "bem-estar social". **UNISANTA Law and Social Science**, Vol. 14, N. 2 (jul./dez. 2025), pp. 47-58. ISSN: 2317-1308.

Recebido em 13/12/2025
Aprovado em 29/12/2025



https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt-br